

HARRY POTTER EM PARAISÓPOLIS: RESULTADOS DE ESTUDO DE RECEPÇÃO DA OBRA REALIZADO EM CONTEXTO DE CAPITALISMO PERIFÉRICO¹

Marco Polo Henriques
Universidade de São Paulo
Maria Cristina Palma Mungioi
Universidade de São Paulo

Introdução

O presente estudo de recepção visou desvelar as inter-relações do discurso da obra *Harry Potter* e sua produção de sentido entre leitores espontâneos moradores da comunidade de Paraisópolis², identificados e selecionados para participar de pesquisa de campo empreendida nos meses de outubro e novembro de 2014³. A proposta do estudo foi estudar a complexa tessitura de produção de sentidos gerados pela recepção dos discursos de uma obra literária inserida no panorama da globalização entre leitores dessa comunidade. A análise dos enunciados de tais sujeitos sugere dimensões identitárias distintas por meio de apropriações de elementos da obra *Harry Potter* enquanto processo discursivo (HALL, 2006), entendido como um polo genuíno de produção (CERTEAU, 1994). Por meio da análise desses enunciados concretos (Bakhtin, 2011), é possível observar refrações de uma realidade marcada por processos de recepção imersos na retroalimentação do circuito da comunicação (HALL, 2006).

No que tange à metodologia de análise da produção de sentido, foram realizados duas etapas distintas, porém complementares. Primeiramente, procedeu-se à análise dos sentidos produzidos pela discursividade da obra com apoio no ferramental teórico bakhtiniano, o que permitiu selecionar as construções discursivas relacionadas ao cotidiano do adolescente contemporâneo⁴ com a intenção de levantar os temas correspondentes. Posteriormente, durante o trabalho de campo, submeteu-se os temas selecionados à apreciação de um grupo específico de leitores espontâneos da obra *Harry Potter*, moradores da comunidade de Paraisópolis, uma das mais populosas da cidade de São Paulo e região de vulnerabilidade social.

1 A pesquisa objeto deste artigo contou com Bolsa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

2 Dados demográficos sobre Paraisópolis indicam que a comunidade tem entre 80.000 e 100.000 habitantes, dos quais 12.000 são analfabetos. Os moradores ocupam uma área de 800 mil metros quadrados na zona sul da capital paulista, na região do Morumbi, bairro nobre da cidade. A população é atendida por sete escolas municipais, quatro escolas estaduais, cinco creches e dois postos de saúde. Disponível em: < <http://paraisopolis.org/multientidades-de-paraisopolis/paraisopolis/>>.

3 Os resultados constam da Dissertação de Mestrado de Marco Polo Henriques, “De Hogwarts a Paraisópolis: Discurso e Recepção da Obra Harry Potter em um Contexto de Capitalismo Periférico”, apresentada ao PPG-COM (USP), em 24/09/2015. Cabe ressaltar que a pesquisa de campo foi realizada por Marco Polo Henriques sob supervisão de sua orientadora.

4 Um bom detalhamento do corpus delimitado a partir dos elementos discursivos presentes nos sete volumes que integram a série Harry Potter (edição brasileira) pode ser encontrado no artigo publicado pelos autores, “A vida que ‘fala’ em Harry Potter – Uma proposta de análise das relações dialógicas do discurso”, in *Conexão: Revista de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul*, v. 13, n. 25, p. 161-183, jan./jun. 2014.

Foi o entendimento da necessidade de vincular a pesquisa em Comunicação ao lugar onde ela é empreendida e a temas de relevância social (LOPES, 2005) que motivou a realização do trabalho de campo em um espaço representativo das tensões sociais de um país de capitalismo dependente como o Brasil (FERNANDES, 1999; SOUZA, 2003). A ida a Paraisópolis e a efetiva entrada no universo da comunidade, por sua vez, demandou o desenvolvimento de um conjunto de procedimentos metodológicos (GASKELL, 2008; LOPES, 2005; BOURDIEU 1997, 2005, 2007; THIOLENT, 1980), para coleta e seleção de evidências empíricas em campo, e de estratégias de envolvimento coletivo, os quais poderão servir de inspiração para propostas investigativas que contemplem intervenção de pesquisadores *outsiders* em meios sociais específicos.

Procedimentos metodológicos

A proposta de realização de incursões e coleta de dados em uma região de grande vulnerabilidade social e de assimetria em relação ao pesquisador demandou a mobilização de algumas frentes de mediação locais. Foram identificadas três entidades que poderiam exercer esse papel: Estação do Conhecimento Einstein (ECE), Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA (EECB) e Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei)⁵. Trata-se de entidades voltadas ao desenvolvimento de programas de aprendizagem, leitura, cultura e esportes.

A princípio, o papel dos mediadores, funcionários dessas entidades, foi auxiliar no rastreamento de leitores espontâneos da série de livros *Harry Potter*, o que resultou em uma amostra inicial de 30 crianças e adolescentes, com idades entre 10 e 19 anos. Considerando a possibilidade fornecida pelos procedimentos da pesquisa qualitativa de explorar em maior profundidade as questões levadas a campo, optou-se por essa modalidade de investigação, que foi progressivamente delineada, conforme a proposta de focar os discursos dos leitores e assim atingir os objetivos da pesquisa. A escolha metodológica, por sua vez, consistiu em trabalhar em campo por meio de entrevistas grupais ou grupos de discussão, justamente por permitir explorar um espectro maior de impressões e observações pertinentes a um determinado meio social, assim como os consequentes processos de consenso e divergência (GASKELL, 2008).

Para a seleção dos participantes, com a ajuda dos mediadores das entidades acima mencionadas, propôs-se aos leitores a redação e entrega de um texto sobre sua experiência de leitura dos volumes da série *Harry Potter*, não se tratando propriamente de um “texto-livre”, na terminologia pedagógica, porque não abriu a possibilidade, por exemplo, de o participante fazer apenas um

5 Estação do Conhecimento Einstein (ECE) é uma das unidades vinculadas ao Sistema Einstein Integrado de Bibliotecas (SEIB), da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein (SBIBAE). O Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA (EECB) é vinculado ao Instituto BM&FBOVESPA, entidade sem fins lucrativos, atuante desde 2007 e qualificada como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). A Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei) foi fundada em 1995 para atender a população da comunidade e é mantida por meio de doações.

desenho ou uma pintura. O objetivo foi que eles mostrassem mínima familiaridade com a prática da leitura e da escrita, considerando a intenção de propor aos grupos a realização de atividades desse tipo. Por outro lado, a temática manteve-se o mais ampla possível e não houve definição prévia de número de linhas, de forma a dirimir a chamada “imposição da problemática de pesquisa” (BOURDIEU, 1997). Em termos precisos, a solicitação feita foi a seguinte:

Escreva livremente sobre sua experiência de leitura da obra Harry Potter.

Assim, coube aos mediadores entrar em contato com os leitores identificados e consultá-los sobre o interesse de participar de pesquisa com temática relacionada aos livros da série *Harry Potter*. Não foram fornecidos maiores detalhes aos potenciais participantes, visando justamente evitar qualquer tipo de direcionamento prévio que comprometesse o registro do interesse espontâneo pela obra manifesto pelos leitores em seu meio social.

De posse dos textos redigidos, foi feito o recorte na amostra inicial com base na variável gênero (leitores do sexo masculino e do sexo feminino), fundamental para a composição de uma gama mais consistente de observações e versões de um mesmo fenômeno, e no nível de envolvimento pessoal explicitado em relação à obra. Tal procedimento resultou na composição de amostra significativa de 10 leitores selecionados: quatro do sexo masculino e seis do sexo feminino, de 11 a 19 anos, cuja identidade foi aqui preservada. Em razão da grande diversidade interna da amostra (LOPES, 2005) no tocante à faixa etária, fator relevante para facilitar o entrosamento e a realização de atividades no decurso do trabalho de campo, optou-se pela formação de dois grupos de discussão distintos, respectivamente **grupo A** (leitores de 11 a 13 anos), cujos participantes, para efeito desta análise, são assim denominados: **enunciador**⁶ 1 (11 anos), **enunciador 2** (13 anos), **enunciadora 1** (12 anos), **enunciadora 2** (13 anos); e **grupo B** (leitores de 14 a 19 anos), integrado por **enunciador 3** (17 anos), **enunciador 4** (19 anos), **enunciadora 3** (14 anos), **enunciadora 4** (15 anos), **enunciadora 5** (17 anos), **enunciadora 6** (18 anos). A enunciadora 1 é a única participante da pesquisa de cor negra, podendo os demais serem classificados como pardos ou mestiços (enunciador 1, enunciador 2, enunciador 3, enunciadora 2, enunciadora 3, enunciadora 4, enunciadora 5) e brancos (enunciador 4, enunciadora 6)⁷.

O planejamento e a preparação dos encontros com os dois grupos foram necessariamente complexos no que tange ao “desenho” dos procedimentos a serem adotados, envolvendo desde questões éticas relacionadas à presença do

6 O uso da expressão “enunciador” e de sua variante de gênero, “enunciadora”, justifica-se pela necessidade de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, bem como pelo alinhamento com a própria terminologia bakhtiniana, segundo a qual enunciador é aquele que enuncia (por meio da fala, da escrita ou do discurso artístico), assumindo o lugar de participante real da comunicação discursiva.

7 Essa classificação foi feita conforme as categorias de pertencimento racial utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm>.

pesquisador em campo apto a interagir com moradores de periferia em situação de exclusão social e cultural, passando por critérios epistemológicos considerados por Bourdieu, segundo os quais toda técnica é uma “teoria em atos” e, portanto, implica uma representação do objeto investigado (THIOLLENT, 1980), até o pragmatismo imperioso de se promover um debate aberto e acessível a todos, com temas e assuntos de interesse comum. Especificamente sobre esse aspecto, o material discursivo apresentado aos sujeitos da pesquisa já se encontrava delimitado, conforme descrito anteriormente.

A decisão de focar aspectos do cotidiano dos entrevistados particularmente interessantes apoiou-se na proposta do projeto realizado, a começar pelo próprio objeto de pesquisa construído com o objetivo de desvendar as inter-relações do discurso da obra *Harry Potter* com leitores de Paraisópolis. No campo teórico, os estudos sobre identidade cultural, para os quais o espaço local constitui-se em suporte e condição para a concretização das produções gestadas em âmbito global, e a perspectiva bakhtiniana que atribui ao interlocutor concreto um lugar-chave na construção de significados trouxeram importante justificação. A escolha de uma comunidade popular para a realização do trabalho de campo, por sua vez, não implicou o estabelecimento de compromisso social, político e ideológico da pesquisa com movimentos sociais locais, conforme sugerem as diretrizes da pesquisa participante, contudo permitiu a aproximação com um dos princípios de base dessa modalidade investigativa que acabou nos direcionando a, ao atuar *in loco*, procurar:

“partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações – a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem interagimos” (BRANDÃO, 2007, p. 54).

A faixa etária dos leitores em cada grupo de discussão também foi considerada, seguindo a proposta da obra de vincular a idade do personagem-título – que envelhece um ano a cada volume (ao todo, são sete volumes) – à do seu público. Assim, nos livros originalmente destinados a leitores com idade correspondente aos dos integrantes do grupo A (de 11 a 13 anos), exatamente do primeiro ao terceiro volumes, identificamos e selecionamos os temas: (1) dificuldades financeiras; (2) relação com a escola; (3) meninos X meninas; (4) discriminação/preconceito. Já nos demais volumes, do quarto ao sétimo, voltados aos adolescentes de 14 a 17 anos e, portanto, adaptados aos participantes do grupo B (de 14 a 19 anos), as seguintes temáticas foram identificadas e selecionadas: (1) limites e liberdades; (2) meninos X meninas; (3) escolha da profissão; (4) *bullying*⁸; (5) maioridade; (6) discriminação/preconceito; (7) exclusão social.

⁸ Bullying é uma expressão de origem inglesa comumente utilizada para referir a ação de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão, com ocorrências nos mais diversos ambientes (escola, espaço de trabalho, relações familiares etc.) e classes sociais. Disponível em: <<http://>

As referidas temáticas foram consideradas significativas na discursividade da obra seguindo a proposta de selecionar elementos de realidade correspondentes a condições sócio-históricas e sistemas ideológicos objetivos, conforme a diretriz bakhtiniana (BAKHTIN, 2006, 2011). A pertinência em relação ao universo dos leitores de Paraisópolis baseia-se em informações acessíveis sobre a comunidade, bem como sobre o universo do adolescente contemporâneo, mas durante todo o processo o material textual selecionado foi tratado como uma construção analítica do pesquisador que não exclui a possibilidade de diferentes abordagens (ORLANDI, 2010).

Tabela 1: Trabalho de campo com grupo A (4 leitores de 11 a 13 anos).

TEMAS ENFOCADOS	PERÍODO PARA COLETA DOS DADOS				
	1 SEMANA	2 SEMANA	3 SEMANA	4 SEMANA	TOTAL
DIFICULDADES FINANCEIRAS	- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - 1/2h metodologia criativa				1 tema / 1 1/2h
RELAÇÃO COM A ESCOLA		- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - 1/2h metodologia criativa			1 tema / 1 1/2h
MENINOS X MENINAS			- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - 1/2h metodologia criativa		1 tema / 1 1/2h
DISCRIMINAÇÃO / PRECONCEITO				- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - 1/2h metodologia criativa	1 tema / 1 1/2h
TOTAL GERAL	4 SEMANAS				4 TEMAS / 6 HORAS

Tabela 2: Trabalho de campo com grupo B (6 leitores de 14 a 19 anos).

TEMAS ENFOCADOS	PERÍODO PARA COLETA DOS DADOS				
	1 SEMANA	2 SEMANA	3 SEMANA	4 SEMANA	TOTAL
LIMITES E LIBERDADE	- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão				1 tema / 1 1/2h
MENINOS X MENINAS		- 45 min para apresentação, exibição de filme e discussão			
ESCOLHA DA PROFISSÃO		- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão			2 temas / 1 1/2h
BULLYING			- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão		
MAIORIDADE			- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão		2 temas / 1 1/2h
DISCRIMINAÇÃO / PRECONCEITO				- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão	
EXCLUSÃO SOCIAL				- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão	2 temas / 1 1/2h
TOTAL GERAL	4 SEMANAS				7 TEMAS / 6 HORAS

Ao se adaptar algumas das diretrizes quanto à quantidade e à duração de reuniões preconizadas para grupos focais (GASKELL, 2002) para a proposta metodológica, e considerar também aspectos de ordem prática, como tempo, espaço e recursos disponíveis para a realização de atividades com os leitores selecionados – por exemplo, a maior parte dos participantes apresentava horários escolares diferentes, o que deixou como única alternativa viável: reuniões aos sábados. Tal situação levou à realização de de oito encontros aos sábados de uma hora e meia, sendo quatro com cada um dos dois grupos. A Estação do Conhecimento Einstein (ECE) cedeu o espaço para os encontros, que ocorreram em: 25/10/2014, 1 /11/2014, 8/11/2014, 14/11/2014 e 22/11/2014, sempre no período das 14h às 15h30 (grupo A) e das 16h às 17h30 (grupo B). Uma lista de presença simples foi elaborada pelo pesquisador para registro da participação dos sujeitos da pesquisa. O envolvimento da ECE, assim como dos demais

mediadores locais responsáveis pelo rastreamento de leitores em Paraisópolis, foi imprescindível para a concretização do trabalho de campo. Previamente às reuniões, em 18/10/2014, foi realizado evento de *cosplay* (caracterização baseada em personagens da obra *Harry Potter*), que serviu para aprofundar o contato do pesquisador com a comunidade e marcou o início do trabalho.

A cada reunião, foi desenvolvido um tópico guia, o qual serviu de referência ao pesquisador (GASKELL, 2002) e consistiu de um esquema preliminar relacionado aos temas enfocados, incluindo as questões relevantes para a discussão e a relação de atividades programadas. Estas abrangeram leitura de trechos selecionados da obra e debates em grupo, exibição de cenas dos filmes da franquia *Harry Potter* e algumas dinâmicas (jogos e brincadeiras) concentradas no grupo A por uma questão etária, enquanto aos participantes do grupo B ofereceu-se a possibilidade de pesquisa e apresentação de trabalhos livres a respeito dos temas enfocados. Em ambos os grupos, houve aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas visando a complementar informações sobre o perfil cultural e socioeconômico dos leitores e auxiliar na compreensão das diferentes posições surgidas nas reuniões. Em todas elas, o pesquisador atuou como moderador dos grupos, responsável pelos comentários introdutórios, sempre em posse do tópico guia e sentado em círculo com os participantes, encorajando-os ativamente a falarem e a reagirem/responderem aos pareceres emitidos durante as discussões grupais. Foi utilizado equipamento de áudio para registrar na íntegra o conteúdo dos encontros e o suporte da rede social Facebook, por meio da criação de espaços de acesso restrito a cada um dos dois grupos, para realizar contatos com os participantes e disponibilizar o material utilizado nas reuniões (trechos da obra).

Interpretação dos dados e discursos emergentes em campo

Procurou-se interpretar os dados coletados em campo com o quadro teórico pertinente ao campo dos Estudos Culturais e Estudos de Recepção. Na sequência, fez-se uma análise dos discursos coletados de forma a evidenciar os interstícios das produções de sentido resultantes do contato da obra *Harry Potter* com os moradores da comunidade de Paraisópolis.

Observou-se que os sujeitos da pesquisa são integrantes de famílias de baixa renda, pouca escolaridade e com profissões do segmento de serviços. Em sua maioria, o acesso dos sujeitos aos livros da série ocorreu por meio de canal público (biblioteca). Em relação ao primeiro contato com a obra, apenas o enunciador 2 referiu compra em livraria –, o que confirma a disseminação do produto nesse tipo de equipamento, em grande parte impulsionada por estratégias de *marketing* e divulgação empreendidas ao longo de toda a década de 2000. Também houve referência a uma rede de “socialidade” que, de acordo

com Horellou-Lafarge; Segré (2010), forma-se entre leitores das classes populares e viabiliza a prática da leitura, particularmente o exemplo da enunciadora 1, para quem trechos da obra foram inicialmente lidos pela prima, e do enunciador 3, que teve seu primeiro contato com a obra *Harry Potter* possibilitado pela iniciativa de uma amiga de emprestar-lhe um dos volumes. O mesmo enunciador 3, assim como o enunciador 4 identificaram no contato com a referida série de livros o impulso para o desenvolvimento do hábito de ler, o que também confirma aspectos referentes ao poder de penetração e incentivo à leitura dos chamados *best-sellers* ou obras de literatura de massa (REIMÃO, 1996). Por outro lado, ficou evidente que a busca pelos livros ocupa posto secundário em relação a outras mídias da franquia – todos os sujeitos tomaram conhecimento da obra por meio dos filmes, à exceção dos enunciadores 1 (jogo eletrônico) e 2 (livro) e da enunciadora 6 (livro) –, sugerindo uma possível tendência de declínio da leitura entre as gerações mais jovens (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010).

Quando se compara a escolaridade dos sujeitos da pesquisa com a de seus pais, adultos relativamente jovens, na faixa dos 30, 40 anos, que mal conseguiram completar o Ensino Fundamental, parece legítimo posicionar os jovens pesquisados como as primeiras gerações em que essa oportunidade de “ascensão” se torna efetivamente real, o que a rigor coincide com uma fase de maior estruturação econômica e desenvolvimento social deflagrada a partir a segunda metade dos anos 1990. Essa percepção é confirmada pelas falas comuns a todos os participantes que apontam para uma tentativa de melhoria de vida baseada unicamente no próprio esforço e sacrifício pessoais como forma de compensar a ausência dos privilégios restritos às classes médias e altas, o que os aproxima em grande medida do grupo social denominado “batalhadores” (SOUZA, 2012):

(GRUPO B / terceiro encontro – temática “maioridade”)

Pesquisador: – Na primeira reunião nós comentamos que vocês já possuem alguma autonomia em relação ao próprio dinheiro, o que não é comum na adolescência. Vocês acham que essa autonomia precoce tem a ver com o fato de viverem numa comunidade e não terem as mesmas “facilidades” dos adolescentes de classe média?

Enunciadora 4: – Eu acho que sim, porque os nossos pais batalham e a gente quer ajudar, né? Então, a gente tenta arrumar um trabalho pra ajudar nossos pais.

– Pesquisador: Essa responsabilidade vem mais cedo se comparado a uma menina de outra condição social que também queira estudar medicina, por exemplo?

Enunciadora 4: – *Eu acho que sim, porque ela tem tudo na mão. Ela vai pensar: “Ah, meus pais ganham dinheiro fácil, então eu não*

9 De acordo com Jessé Souza (2012), os “batalhadores” corresponderiam a uma nova classe trabalhadora não pertencente a uma classe média nos moldes tradicionais, que, não obstante, internaliza algumas disposições necessárias ao trabalho produtivo e útil no mercado competitivo capitalista.

preciso trabalhar agora. Não vou me preocupar com nada agora”.

[...]

Enunciadora 3: – *Pelo fato de uma menina saber que é rica, ela não pensa tanto nisso, né? [...] Eu tenho uma amiga que tinha um celular dos mais caros. Ela foi numa festa, ficou pulando e o celular dela caiu e quebrou. Aí, a mãe foi lá e comprou um celular novo pra ela, ainda mais caro. Eu penso assim: “Quem tem aquela consciência de que não tem muito dinheiro, valoriza mais o que tem. Se você quebrar aquilo, vai ter que batalhar sozinho pra conseguir de novo”.* [...]

Pesquisador: – E isso faz com que você tenha mais consciência e maturidade?

Enunciadora 3: – *É, e valorize o que tem, entendeu?! E batalhe, também. A gente tem esse pensamento de trabalhar e de se esforçar mais. Os filhos de ricos acham que os pais vão tá sempre ali, só que vai ter uma hora que vai ser tarde demais pra eles pensarem, entendeu?*

[...]

Pesquisador: – Essa falta de responsabilidade está de alguma forma relacionada à educação?

[...]

Enunciadora 4: – *Sim, acho que sim. Como nós somos da comunidade, nossos pais falam: “Você tem que se tornar uma pessoa melhor que eu, tem que conseguir, tem que trabalhar...”. Então, a gente pensa assim: “Vou trabalhar agora pra começar a pagar a faculdade e ser melhor do que meu pai foi, e pra cuidar dos meus pais”, né?*

Enunciadora 3: – *Eu acho que, em alguma forma, isso parte dos pais, sim. [...] “Tipo”, aqui na comunidade, os pais geralmente ensinam os filhos desde pequenos a valorizar e aproveitar muito o que têm. A maioria dos “riquinhos”, não, “tipo assim”, se quebrou, compra novamente e não tá nem aí.*

Por outro lado, o alinhamento do discurso dos sujeitos com aquele das novas classes emergentes parece contrastar com a prevalência de uma autoimagem marcada pelo estigma de “favelado”, referido direta e indiretamente em seus enunciados:

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito”)

Enunciadora 1: – *“Tipo”, a pessoa vai lá num lugar e começa a bagunçar. Só porque a gente vem da favela, eles vai falar: “Vocês é tudo ‘favelado’”, essas coisas. Que nem a professora de espanhol; ela falou que a gente faz bagunça e depois acha ruim que as pessoas chama a gente de “favelado”... Teve um ano que a gente veio do passeio e a professora teve que pagar o ônibus, porque os menino tinha quebrado as coisas. Aí, chamaram a gente de “favelado”.*

Enunciadora 2: – *[...] se você trata com respeito as pessoas, é inteligente, fala bem, não julga as pessoas, passa boa impressão e fala que é de Paraisópolis, vão achar que você tá mentindo, porque é uma pessoa muito culta pra ser daqui.*

Enunciador 2: – *Os ricos acham que os “favelados” são aqueles*

com arma, são violentos, essas coisas.

(GRUPO B / quarto encontro – temática “discriminação/pre-conceito”)

Enunciador 3: – *“Assim”, nesse caso não fui só eu, foi todo um grupo, a sala toda. Porque nós, por sermos de Paraisópolis, fomos tachados de “favelados”, “trombadinhas”.*

(GRUPO A / primeiro encontro – temática “dificuldades financeiras”)

Enunciador 1: – *Sim, acontece na vida, “tipo”, tem gente que estuda em escola boa e tem um ensino melhor, mas tem gente que não tem dinheiro nem material direito; um menino da minha sala fica pedindo todos os dias pra professora um lápis. Ele só tem caderno, que é dado pela escola, se não nem isso ele tinha. Ele pede lápis, borracha e, quando a professora esquece ou não tem, ele não faz nada.*

Enunciadora 1: – *Eu estudo no CEU e lá eles dá materiais, porque muitos não têm como comprar, que nem uma menina que fica pedindo material todos os dias pra todo mundo. A mãe não compra e, quando ela pede, apanha. O pai se separou da mãe e dá dinheiro, só que ela gasta tudo com bebida.*

(GRUPO B / terceiro encontro – temática “maioridade”)

Enunciadora 4: – *A minha vizinha, por exemplo, a filha dela não queria ir pra escola. Aí, ela foi e ligou pro Conselho Tutelar vir buscar a criança. Só, que, lá, ela vai ser mais maltratada ainda!*

Enunciadora 3: – *É que, “assim”, “tipo”, essa menina “dominou”, sabe? Ela faz o que quer...*

Pesquisador: – *Qual a idade dela?*

Enunciadora 4: – *11 anos. A mãe não quer mais ela e ligou pra levarem a filha embora. O tanto que essa menina apanhou...*

Enunciadora 3: – *Não, e ela [a filha] falou assim: “Se você bater em mim, eu vou chamar a polícia pra você!”. Tanto que teve uma confusão lá e a própria mãe falou isso pra gente. A filha dominou a mãe, entendeu?*

Pesquisador: – *E o pai?*

Enunciadora 3: – *O pai nem liga.*

Enunciadora 4: – *Na verdade, o pai dela bota limite, sabe? Só que ele sai cinco horas da manhã pra trabalhar e, às vezes, dorme no trabalho. Agora, ela já largou a escola de vez.*

Do imbricamento dessas duas percepções distintas emanam as peculiaridades do lugar social dos leitores/receptores de Paraisópolis, as quais estiveram presentes em campo e foram igualmente postas em debate durante a etapa de interpretação e análise dos resultados. De acordo com Hall (2006, p. 116), algo que também se coaduna com a perspectiva bakhtiniana, “todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e tempo particulares, desde uma história e uma cultura que são específicas” e “os aparatos, relações e práticas de produção, aparecem, assim, num certo momento (o momento da ‘produção/circulação’), sob a forma de veículos simbólicos constituídos dentro das regras

de ‘linguagem’”, o que implica não apenas a existência de uma articulação ou reciprocidade entre as instâncias de produção e recepção, como também, e mais importante, a inexistência de uma estrutura hierarquizada em que a primeira determina a segunda. Conforme enfatiza Hall (2006, p. 377): “a codificação não pode determinar ou garantir, de forma simples, quais os códigos de decodificação que serão empregados”.

De fato, para além da posição “dominante ou preferencial”, na qual a mensagem é decodificada conforme as diretrizes de sua construção –, os discursos proferidos pelos sujeitos da pesquisa se aproximam tanto da posição de “negociação”, na qual existe uma influência das condições específicas dos receptores, quanto da de oposição, quando há a proposição de um sentido diferente ou alternativo por parte daquele que recebe a mensagem, indicando nitidamente uma atividade de construção em que o receptor/leitor ocupa o papel de protagonista (CERTEAU, 1994):

(GRUPO A / terceiro encontro – temática “meninos X meninas”)

Pesquisador: – Quais as diferenças que vocês veem entre os adolescentes daqui de Paraisópolis e aqueles do livro do Harry Potter?

Enunciadora 1: – *Lá eles não sai, e aqui a gente sai da escola.*

Pesquisador: – Sim, no livro eles estudam numa espécie de internato. E se eles saíssem de lá, o Harry Potter e seus amigos poderiam morar em Paraisópolis?

Enunciador 1: – *Mais ou menos.*

– Por quê?

Enunciador 1: – *Não, “assim”, é mais ou menos, porque aqui... Eles não saem da escola, mas também eles têm dinheiro.*

Pesquisador: – Então eles têm dinheiro, e por isso não poderiam morar aqui em Paraisópolis?

Enunciador 1: – *Não, porque, “tipo”, se eles viessem pra cá, os alunos da Sonserina [nome de uma das turmas que integram a Escola de Hogwarts, onde estudam os bruxos em idade escolar] não iam gostar, porque aqui é uma comunidade, e, “tipo”, esses esnobes gostam de falar que são ricos. Já se fosse o Harry e os amigos dele, tudo ia querer ficar aqui. O Harry tem dinheiro, mas ele não é esnobe.*

Enunciadora 1: – *Eles se acham os “tal”.*

Pesquisador: – E do que eles não iriam gostar aqui em Paraisópolis?

Enunciadora 1: – *Por causa que aqui tem pobre e lá, não.*

Pesquisador: – O que é ser pobre?

Enunciadora 1: – *A filha da patroa da minha mãe falou bem assim: “Eu não queria ir pra Paraisópolis, porque vocês são pobres e nós somos ricos”. Aí, eu falei: “Você tem tênis, a gente também tem; você tem celular, a gente também tem; você tem roupa de marca, a gente também tem. Só muda que vocês têm mais dinheiro”. Aí, ela ficou toda sem graça, e a mãe dela não falou nada.*

Em relação ao posicionamento local/global, a coexistência da modernidade com formas tradicionais derivadas da pobreza e do precário desenvolvimento socioeconômico latino-americano (CANCLINI, 1998; 2009) foi exemplificada com precisão por evidências coletadas da participação na pesquisa da enunciadora 1. Embora no questionário aplicado tenha se autoafirmado como consumidora de produtos relacionados à obra *Harry Potter* e a outras franquias de massa, revelou desconhecer a existência de centros de compra (“*shopping centers*”). Diante desse dado, como identificar e equacionar as “pequenas astúcias” (CERTEAU, 1994) desenvolvidas por esse perfil para se movimentar em meio aos interstícios presentes no entrelaçamento entre a homogeneização massificadora e a evidente situação de exclusão social? A resposta parece estar em um tipo de “ambivalência” (CANCLINI, 2009), que, no caso dos sujeitos da pesquisa como a enunciadora 1 parece suplantar a oposição dicotômica inclusão/exclusão e mesclar situações de quem é desigual (não participante) e, ao mesmo tempo e em boa parte, conectado.

A presença da enunciadora 1 nas reuniões programadas (o seu comparecimento foi de 100%) suscitou o questionamento da pré-noção de existência de uma homogeneidade nos grupos pesquisados: constatou-se, ao contrário, a configuração de contextos sociais, econômicos e culturais diferentes dentro da amostra, que, provavelmente, reflete uma característica do meio social de Paraisópolis. Surgida no espaço metropolitano paulistano, a partir dos anos 1960, com a vinda de trabalhadores de origem nordestina para atuar na construção do Palácio do Governo (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1995), Paraisópolis se apresenta como fenômeno atípico, caracterizado pela existência de uma “estrutura de oportunidades” (ALMEIDA e D’ANDREA, 2004) advinda do comércio local bastante dinâmico e da própria contiguidade espacial com residências e condomínios de alto padrão, o que também repercute em possibilidades de trabalho para seus habitantes, tanto na construção civil quanto em ocupações domésticas. Outro aspecto peculiar é a formação de uma sólida rede de relações sociais, que abrange desde vínculos de solidariedade entre parentes e conhecidos até a atuação contínua de associações de caráter religioso e civis, incluindo grande número de ONGs prestadoras de serviços sociais à comunidade (ALMEIDA e D’ANDREA, 2004), entre as quais estão as três entidades selecionadas para auxiliar na identificação e seleção dos sujeitos da pesquisa.

Em boa medida, esse cenário internamente bastante diverso foi confirmado pelos sujeitos da pesquisa nos debates grupais e se revelou crucial para a compreensão dos perfis selecionados e de sua produção discursiva acerca da obra *Harry Potter*. Tal heterogeneidade mostrou-se extensiva à constituição de cada perfil em si e se expressou, por exemplo, em visíveis dissonâncias entre determinantes religiosos e culturais e interações efetivas, como é o caso das enunciadoras 3 e 4, integrantes da mesma família (são primas), e adeptas de igrejas pentecostais, que, no entanto, apesar de alguns senões iniciais, torna-

ram-se fãs incondicionais de uma trama ficcional que trata de uma sociedade de bruxos.

| De ouvintes a falantes, de receptores a produtores

Encorajados pelo pesquisador a refletir sobre as temáticas selecionadas da obra à luz do seu lugar sócio-histórico (BAKHTIN, 2006, 2011) e estimulados por recursos (dinâmicas e cenas de filmes) empregados pelo pesquisador para provocar ideias e discussão, os sujeitos da pesquisa trouxeram à tona diversas experiências oriundas do meio social que os envolve, assumindo nitidamente a posição de “falantes”:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Dada a grande diversidade das falas coletadas, realizou-se uma tentativa de categorização com base na análise dos discursos dos sujeitos da pesquisa, situando-os como inferências feitas pelos participantes com base em cada uma das temáticas levadas a campo.

Tabela 3: Categorização das correlações feitas pelos pesquisados.¹⁰

NOVE TEMÁTICAS PROPOSTAS (GRUPOS A e B)	CORRELAÇÕES FEITAS PELOS PESQUISADOS (GRUPOS A e B)		
DIFICULDADES FINANCEIRAS (GRUPO A)	GRAVIDEZ PRECOCE		
RELAÇÃO COM A ESCOLA (GRUPO A)	CONFLITOS ENTRE BOLSISTAS E NÃO BOLSISTAS DE ESCOLAS PARTICULARES DA REGIÃO ¹⁰		
LIMITES E LIBERDADE (GRUPO B)	MAIOR PROPAGAÇÃO DE ÁLCOOL E DROGAS NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA	MAIOR AUTONOMIA E AMADURECIMENTO DOS ADOLESCENTES MORADORES DA PERIFERIA	
MENINOS X MENINAS (GRUPOS A e B)	GRAVIDEZ PRECOCE		
ESCOLHA DA PROFISSÃO (GRUPO B)	OBRIGAÇÃO DO TRABALHO COMO MEIO DE SOBREVIVÊNCIA		
BULLYING (GRUPO B)	CYBERBULLYING “TOP 10 DE PARAISÓPOLIS”		
MAIORIDADE (GRUPO B)	MAIOR AUTONOMIA E AMADURECIMENTO DOS ADOLESCENTES MORADORES DA PERIFERIA		
DISCRIMINAÇÃO/ PRECONCEITO (GRUPOS A e B)	CONFLITOS ENTRE BOLSISTAS E NÃO BOLSISTAS DE ESCOLAS PARTICULARES DA REGIÃO	CYBERBULLYING “TOP 10 DE PARAISÓPOLIS”	O ESTIGMA DE “FAVELADO”
EXCLUSÃO SOCIAL (GRUPO B)	O ESTIGMA DE “FAVELADO”		

As correlações acima indicam uma pluralidade de inferências surgida progressivamente ao longo dos encontros, algumas delas comuns a mais de uma temática proposta e igualmente referidas pelos sujeitos dos dois grupos, todas indicativas da existência de um centro organizador dos enunciados que não lhe é interior, mas exterior, situado precisamente no meio social que envolve os enunciadores (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006). Um dos exemplos mais em-

¹⁰ Em mais de uma ocasião, os sujeitos da pesquisa que foram e são estudantes de escolas particulares na condição de bolsistas relataram a existência de conflitos declarados com alunos não bolsistas, sugerindo uma situação de embate entre classes.

blemáticos é justamente a aposta veemente no próprio esforço pessoal, característica do grupo social denominado “batalhadores” (SOUZA, 2012), como forma de avançar nos âmbitos educacional e profissional, superando assim os inúmeros obstáculos impostos pela condição social desfavorável:

(GRUPO A / segundo encontro – temática “relação com a escola”)

Pesquisador: – A escola é tudo para uma pessoa?

Enunciadora 2: – *É. É tudo pra uma pessoa. O estudo é o mais importante na vida, porque hoje em dia uma pessoa que não tem estudo não é ninguém.*

(GRUPO B / segundo encontro – temática “escolha da profissão”)

Enunciador 3: – *Eu não vejo como uma cobrança, mas uma necessidade. Porque todo mundo vai ter que trabalhar um dia. E, hoje, eu já sei o que eu quero fazer, só que eu posso mudar de ideia quando tiver cursando a faculdade. Eu quero fazer Cinema, só que, “tipo”, durante o curso, posso querer fazer outra coisa, porque eu tenho um irmão que é padeiro, e eu adoro esse negócio de Gastronomia, de mexer na comida, “tá ligado”? Então, eu ainda não tenho certeza do que eu quero fazer.*

Pesquisador: – Mesmo não tendo decidido ainda, você parece bastante preparado.

Enunciador 3: – *É, porque dinheiro é essencial, todo mundo tem que ter um dia. Então, é melhor você se preparar o mais cedo possível.*

[...]

Pesquisador: – Você considera a educação importante?

Enunciadora 4: – *Pra mim, é fundamental. Meus irmãos largaram a escola; um largou no primeiro ano do Ensino Médio e o outro também.*

Pesquisador: – Que tipo de dificuldades vocês enfrentam para prosseguir com os estudos?

Enunciador 3: – *Acho que um desafio é você conseguir uma boa faculdade e ter dinheiro pra pagar. “Tipo”, você tem que tá trabalhando pra conseguir pagar a faculdade pra conseguir um emprego.*

[...]

Enunciador 4: – *Eu tenho um exemplo de um amigo que tem contas pra pagar, essa questão da vida adulta, e acaba não sobrando dinheiro pra investir nele mesmo. Então, eu vejo isso como uma barreira até pra mim mesmo mais pra frente, se eu não começar logo, agora que tenho o apoio da minha mãe.*

Pesquisador: – Vocês acham que existem mais barreiras para uns do que para outros jovens?

Enunciador 4: – *Sim, acho que pela questão da desigualdade social, o que não impede de tentar superar essas barreiras. Mas, na maioria dos casos, infelizmente é como no caso do meu amigo, que precisa sustentar a casa, pagar as contas e tentar equilibrar isso pra investir em si mesmo.*

Por outro lado, é interessante observar que, à medida que a condição social se mostra mais precária, como no caso da enunciadora 1, a qual, segundo os mediadores locais, encontrava-se em situação de desestruturação familiar e maior vulnerabilidade social, o discurso assume contornos diferenciados, mais voltado ao preenchimento das necessidades básicas de sobrevivência:

(GRUPO A / primeiro encontro – temática “dificuldades financeiras”)

Pesquisador: – Por que é importante guardar dinheiro?

Enunciadora 1: – *Pra viver. Ter dinheiro pra comprar comida, comprar uma casa, um carro [...].*

– Você espera isso do seu futuro?

Enunciadora 1: – *Espero.*

Pesquisador: – Se você pudesse guardar dinheiro para uma coisa apenas, o que viria primeiro?

Enunciadora 1: – *Ah, “tipo”, se tivesse os filhos, aí eu usaria o dinheiro pra comprar berço, essas coisa... [De acordo com os mediadores locais, apesar de ter apenas 12 anos, a enunciadora 1 já se encarrega de cuidar da irmã menor e dos próprios estudos]*

A percepção de existência de um vínculo indissociável entre os falantes e o meio social em que vivem ganha reforço com a perspectiva bakhtiniana de que é no mundo que o ser humano fala e não fora dele. Essa posição natural e inevitável, situada dentro da realidade da enunciação, implica uma consciência participante da existência a que Bakhtin chama de “ato ético” (BUBNOVA, 2013), o qual, por sua vez, remete ao plano da alteridade, do outro possível. A construção “eu sou” passa, assim, por um ajuste, modificando-se para “eu também sou”, o que implica a constatação primeira do “tu és”; em outra correlação possível, passa-se do célebre aforismo de Descartes, “Penso, logo existo”, para algo como “Porque você existe, eu sou”. O ato ético não se realiza no interior dos sujeitos atuantes, mas na interação entre eles, sendo, portanto, interindividual e, acima de tudo, dialógico (BUBNOVA, 2013, p. 12).

Da mesma forma que a discursividade da obra não é fruto do acaso, mas do movimento de reciprocidade para com o outro (o adolescente contemporâneo, seu interlocutor concreto), em relação ao qual se constitui, as intervenções e interações presenciadas nos oito encontros realizados com os dois grupos não foram fortuitas nem fruto de abstrações subjetivas, mas resultantes da aceitação da responsabilidade de “ser no mundo” e de “sê-lo juntos” (BUBNOVA, 2013). Imbuídos do paradoxo da ética dialógica, revelaram posições únicas, personalizadas, inalienáveis, porém, acima de tudo, comprometidas com a presença daquele que lhe é exterior, o “outro”, o próprio mundo, perante o qual se modificam e no qual também provocam mudanças:

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito” / enunciadora 2)

Nesse ponto, retomamos a pergunta sobre a existência ou não

de discriminação em relação aos moradores da comunidade de Paraisópolis.

Enunciadora 2: – *Vamos supor, se você vai procurar um trabalho, se colocar no seu currículo que mora em Paraisópolis e aparecer alguém que mora no BNH “tal, tal e tal”, vai ser escolhido o do BNH”.*

[...]

Pesquisador: – O fato de morar aqui te incomoda?

Enunciadora 2: *Não. Isso não me incomoda.*

Pesquisador: – E a maneira como outras as pessoas tratam quem mora aqui te incomoda?

Enunciadora 2: – *O jeito que as pessoas tratam, sim, porque, se você não me conhece, não sabe quem eu sou, não sabe nada da minha vida, como é que vai me julgar só porque eu moro na favela?*

Pesquisador: – E como isso pode ser modificado?

Enunciadora 2: – *Ah, as pessoas têm que tentar entender melhor umas às outras, né? Antes de julgar, criticar, você tem que conhecer, o que, além do mais, é o certo.*

(GRUPO B / quarto encontro – temáticas “discriminação/preconceito” e “exclusão social” / enunciador 3)

Nesse momento, relembramos o conflito entre bolsistas e não bolsistas relatado pelo enunciador 3 no segundo encontro e questionamos se também se tratava de uma forma de preconceito.

Enunciador 3: – *Eu acho que sim, porque os não bolsistas, os que pagam a mensalidade pra estudar em escola particular, acham que os bolsistas não têm esse direito.*

Pesquisador: – Por quê?

Enunciador 3: – *Eu não sei por quê, mas acho que eles não querem admitir que existem pessoas mais inteligentes que eles e que não precisam pagar pra estudar em escola particular.*

Pesquisador: – Os bolsistas chegaram a se mobilizar para protestar...

Enunciador 3: – *Sim, pela internet, pelo Twitter...*

– Por que chegou a esse ponto?

Enunciador 3: – *Foi o preconceito mesmo, a discriminação.*

Pesquisador: – Você foi vítima direta de preconceito?

Enunciador 3: – *“Assim”, nesse caso não fui só eu, foi todo um grupo, a sala toda. Porque nós, por sermos de Paraisópolis, fomos tachados de “favelados”, de “trombadinhas”.*

Pesquisador: – Uma agressão explícita?

Enunciador 3: *Isso. “Tipo”: “Você não tem o direito de tá aqui, seu trombadinha”.*

Pesquisador: – Isso partiu de outros estudantes que pagam a mensalidade, como Draco Malfoy [personagem] faz com quem não pertence a uma família de bruxos sangues puros?

Enunciador 3: – É, mais ou menos. Pessoas que pagam mensalidade e se acham superiores à gente de alguma forma, não sei por quê.

Pesquisador: – E o que houve com o movimento que vocês

11 A enunciadora 2 referiu-se ao Banco Nacional da Habitação (BNH), órgão responsável pela construção de grande parte das unidades habitacionais no país até ser extinto em 1986, provavelmente citado em conversas por familiares mais velhos e adultos em geral.

organizaram?

Enunciador 3: – *Não deu certo porque o próprio sistema do colégio não autorizou. Falaram que se a gente continuasse, a gente podia perder a nossa bolsa.*

Sem alibi para o seu existir, coube aos sujeitos da pesquisa adentrar o caminho da participação responsável e “compartilhar a experiência do ser”, concretizando um protagonismo cultural que se fez emergir por meio de múltiplos “atos-pensamentos” e “atos-enunciados” (BAKHTIN, 2011). Trata-se de um ativismo ético e estético expresso na forma de uma “consciência atuante”, que é, antes de tudo, uma fonte produtora de significados.

Considerações finais

A pesquisa sugere que a presença de *Harry Potter* em Paraisópolis confirma o estabelecimento de relações locais de conexão com redes globais de comunicação, entretenimento e consumo, entendido como forma de participação social. Ao mesmo tempo, foi observado que essa apropriação se dá por meio de um processo ambivalente (CANCLINI, 2009), que, se por um lado, permite a adesão a formas hegemônicas de comunicação e cultura, como é o caso do contato com a obra *Harry Potter*; por outro, reproduz modos de exclusão evidenciados no contexto periférico, entre os quais estão as inúmeras situações de dificuldades e estigmatização relatadas e o quadro de maior vulnerabilidade social identificado no perfil de uma das jovens participantes da pesquisa. O material coletado apontou para um predomínio dessas ambivalências na constituição de todos os sujeitos da pesquisa, que se evidenciam por movimentos de reprodução, revisão e rejeição de conteúdos externos, assim como divisões internas e contradições intrínsecas observadas na construção de cada individualidade, haja vista o exemplo das leitoras evangélicas que, não obstante, tornaram-se fãs de uma obra literária condenada por movimentos pentecostais mundo afora.

Ainda no tocante ao necessário entendimento dos mecanismos por meio dos quais a cultura mundializada e a sua discursividade operam em âmbito local, prestou especial contribuição a compreensão que Hall (2006) tem do consumo cultural como um “evento comunicativo” e do produto cultural enquanto “narrativa” ou “discurso”, que para fazer sentido deve necessariamente ser transformado (traduzido ou decodificado) por uma determinada audiência, conforme as três possibilidades de interpretação identificadas pelo teórico. É com base em Hall (2006) que a recepção cultural pode ser entendida como espaço de luta por significação e prática produtora de sentido. A necessidade de compreensão dos mecanismos por meio dos quais o leitor efetivamente “concretiza” o potencial latente de uma obra literária também levou ao uso das postulações de Certeau (1994), segundo as quais existe de fato uma autonomia do consumo enquanto

instância não passiva e igualmente produtora de sentidos.

Apesar da disposição evidente da maioria dos sujeitos da pesquisa, a pluralidade de significações identificadas não foi entregue “de graça”. Tal conteúdo surgiu de forma progressiva ao longo dos encontros, à medida que um sentimento de confiança mútua e, sobretudo, a disposição de “ouvir” do pesquisador confirmou sua prevalência, abrindo espaço para o descortinamento de apropriações diferenciadas e novos significados dados pelos consumidores a um produto transcultural que, afinal, mostrou-se assimilável e, sobretudo, próprio daqueles que o absorveram. As produções originais dos dez sujeitos acabaram por constituir um dispositivo discursivo em relação ao qual as postulações de Bakhtin (2011) se mostraram elucidativas, a exemplo da análise empreendida sobre a discursividade da obra. O quadro teórico construído ao longo da pesquisa permitiu situar os leitores/espectadores de Paraisópolis em um patamar para além da condição de receptores/produtores de um determinado conteúdo, como enunciadores desde um lugar que lhes é próprio e do qual a obra *Harry Potter* passou a fazer parte. Dessa forma, todos os sujeitos da pesquisa se mostraram convencidos pela “vida que fala” na obra *Harry Potter*, assumindo posição eticamente responsável de torná-la parte do acontecimento único e singular do seu existir, sem se eximir, em nenhum momento, da sua condição de moradores da comunidade de Paraisópolis e do lugar sócio-histórico que ocupam.

Cumprido todo o trajeto, entende-se que o estudo de caso realizado trouxe à tona dados relevantes que, sem dúvida, merecem ser aprofundados. Um exemplo são as assimetrias indicativas da prevalência de um capital complexo de apropriação e construção de sentido, o qual não resulta apenas da reprodução automática das condições socioeconômicas, como também, e sobretudo, do contato com uma “gramática cultural” proveniente em grande parte do universo dos meios de comunicação, em que se incluem a obra *Harry Potter* e outros conteúdos citados em abundância pelos sujeitos da pesquisa, sugerindo um caminho fértil de análise em novos estudos. Não obstante, os procedimentos metodológicos e os resultados aqui apresentados constituem uma tentativa de levantamento e tratamento de dados que desde já poderá servir de apoio para outros estudos de recepção, bem como para a ação de pesquisadores em campo, ressaltando-se a sua condição de construção única e jamais de receituário pronto a ser seguido.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. (VOLOCHÍNOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

- BOURDIEU, Pierre. Compreender”. In: BOURDIEU, P. (coord). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 693-713.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007, p. 155-182.
- BOURDIEU, Pierre et al. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues e BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, v. 6, jan./dez. 2007, p.51-62.
- BUBNOVA, Tatiana. El principio ético como fundamento del dialogismo en Mijaíl Bajtín. Tradução de Maria Inês Batista Campos, Nathália Rodrihero Salinas Polachini. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 8, n. 9, p. 9-18, 2013.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. *Diferentes, desiguais e desconectados: Mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FERNANDES, F. Padrões de dominação externa na América Latina. In: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Bernardo. *América Latina: história, ideias e revolução*. 2. ed. São Paulo: Xamã, 1999.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer e G. Gaskell (eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 64-89.
- HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal e SEGRÉ, Monique. *Sociologia da Leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- REIMÃO, Sandra. *Mercado editorial brasileiro 1960-1990*. São Paulo: Com-Arte / Fapesp, 1996.
- _____. “Tendências do mercado de livros no Brasil – um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000-2009)”. *Revista MATRIZES*, São Paulo, Ano 5, n 1, jul./dez. 2011.
- SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do círculo Bakhtin/Volochínov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.
- SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania. Para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Ed. UFMG e Iuperj, 2003.
- _____. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.